



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR:
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
≡ RITA ≡ERA UMA VEZ...**Assim a lontra enganou a lebre**

Conto infantil por J. A. ZA-SOU

Desenhos de Castañe

QUEM visitar as vastas lezírias do Ribatejo, logo encontra, aqui, e mais além, umas estreitas mas extensas valas, contendo água, às quais, mais-vulgarmente, dão o nome

de *Abertas*. Era assim na margem duma destas, que existia, o esconderijo duma Lontra, a qual, obedecendo aos instintos da sua raça, ora ali se acoitava quando em terra, ora mergulhava em busca de alguns peixinhos, para se alimentar; e, assim sujeita aos ditames do seu temperamento, ali vivia isolada.

Deve dizer-se que este anfíbio mantinha uma íntima amizade, quasi familiar, com uma Lebre, que, ali próximo no campo, tinha, também, o seu covil, e esta, por sua vez, retribuía, com bastante dedicação, a amizade que a Lontra lhe dispensava. Tão íntimas se tornaram tais relações, que deram motivo a tratar-se por comadres, indo todos os dias a Lebre visitar a sua comadre Lontra, onde, na margem de *Aberta*, se con-

servavam em animada palestra e até no inverno, em dias amênos, ali os passavam, tomando o sol, conversando animadamente.

Num certo dia, à falta de outro assunto, cada uma quiz pôr em destaque a superioridade dos dotes e merecimentos que a Natureza lhes tinha dispensado. Assim a Lontra começou por dizer:

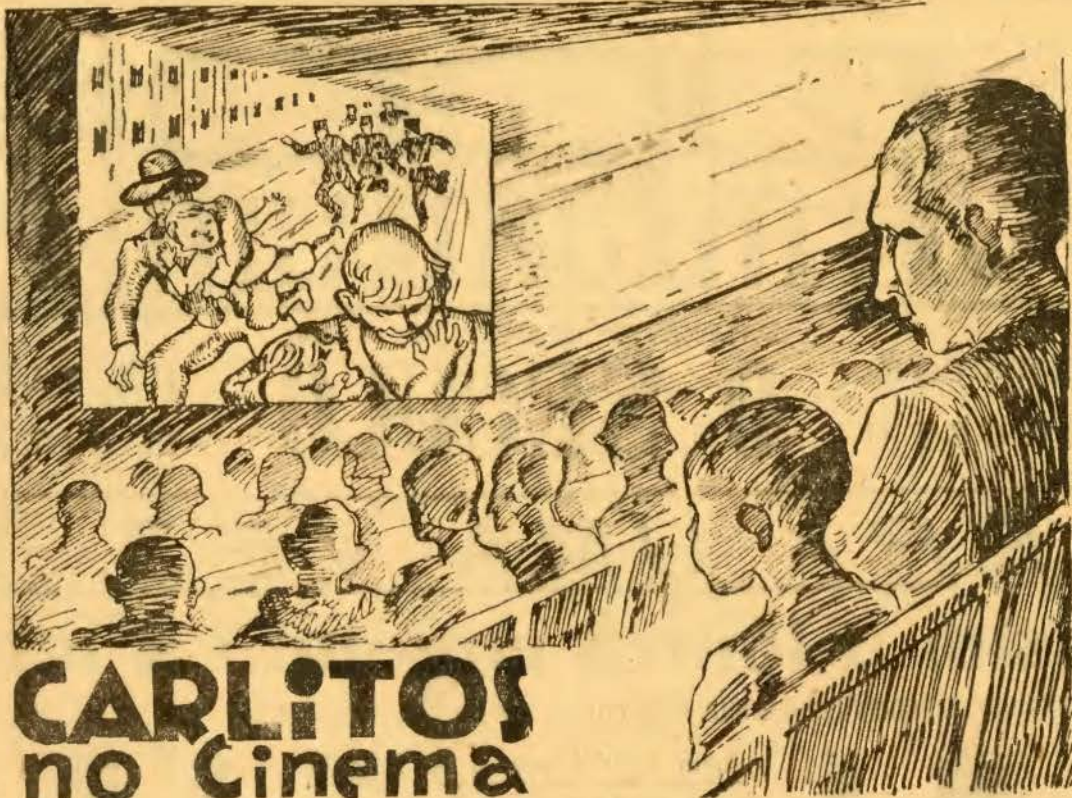
— Eu tenho vaidade, e sinto-me bastante orgulhosa, por saber que a minha pele é bastante apreciada, sendo um elegante adorno das senhoras, e, ainda no inverno, servir-lhes dum confortável abafado, tendo por isso muito valor, e sendo usada pelas damas da melhor sociedade.

A Lebre, procurando excedê-la nos merecimentos com que era dotada, respondeu-lhe:

— Olha, comadre, os meus apreciáveis dotes são bem diversos dos teus, por serem quasi pro-



(Continua na 4.ª página).



CARLITOS no Cinema

Por ARMANDO LEITE MORAIS
Desenhos de CASTAÑÉ



MEUS queridos meninos e meninas, vou hoje começar a descrever-lhes alguns episódios da vida do menino Carlitos.

Comecarei por lhes descrever o primeiro episódio, com ele passado no cinema, e, sucessivamente, aqui vos irei narrando outros, não menos interessantes, que com ele igualmente se passaram.

Um dia, Carlitos ouviu dizer que o cinema era um espectáculo encantador, onde se viam,

simultaneamente, comboios, cavalos a correrem, homens maus, homens bons, enfim, uma série de peripécias, que proporcionavam ao espectador um divertimento muito agradável.

Carlitos, desde então, pedia sempre a seus paizinhos que o levassem, também, ao cinema, porque queria ver os homens maus e os homens bons.

Os dias foram passando, e o nosso bom Carlitos nada de ser atendido nos seus pedidos; até que, um belo dia, o seu paizinho, chamando-o, disse-lhe:

— «Olha, Carlitos, queres ir esta noite ao cinema?»

— «Quero sim paizinho, pois há muito tempo que eu ando com esse desejo!»

— «Pois bem, alegra-te, porque o teu desejo vai esta noite ser satisfeito!»

E assim sucedeu. À noite, à hora de começar o cinema, lá ia o nosso Carlitos, muito contente, a caminho do mesmo.

Um bocadinho antes de ele principiar, Carlitos, perguntando ao seu paizinho onde é que apareciam as tais coisas que ouvira dizer que iam ao cinema, e uma vez inteirado de onde elas apareciam, ficou muito risonho e aguardou os acontecimentos.

Após as luzes apagadas, projectava-se no «écran» uma fita de aventuras — género Polo — tendo como principais intérpretes uma menina e um menino que tinham sido rap-

ptados por um grupo de bandidos a seus queridos paizinhos, e levados para uma cabana, distanciada muitos quilómetros da cidade e completamente ao abandono.

Os pais destes meninos choravam muito o seu desaparecimento, não sabendo qual o destino que eles tinham levado, nem, ao menos, se estariam vivos ou mortos!

Procuravam, por todos os meios, indagar do paradeiro dos seus estremosos filhinhos, mas tudo resultava inútil.

Carlitos, muito comovido com aquela scena, perguntou a seu paizinho se os meninos tinham morrido, ao que o pai respondeu que não sabia, em virtude da fita ainda ir no principio.

Carlitos, não se podendo conformar com a sorte que os meninos tinham levado, disse:

— «Não pode sêr! Os meninos têm que aparecer, custe o que custar e quem os vai salvar sou eu!!!»

— «Não, meu filho, tu não podes ir salvá-los!... Aquilo que tu ali vês... é a brincar, é como no teatro, é tudo a fingir!»

Carlitos, um pouco nervoso, exclama:

— «Não pode ser, paizinho... aquilo não é a brincar, não senhor, aquilo é a sério! Então, o paizinho não vê que os meninos não aparecem?!» E por mais que lhe dissessem que aquilo era a fingir, Carlitos não havia maneira de acreditar.

Entretanto, apareciam outra vez na tela os meninos rap-
tados, e o Carlitos, ao vê-los, exclama com alegria:

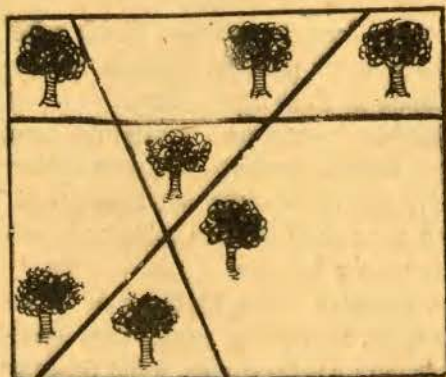
— «Ora, até que, enfim que eles tornaram a aparecer! Também quero vêr o que eles fazem agora!»

E os meninos, guardados por um daqueles homens maus, estavam cheinhos de medo; só as enormes barbas que ele tinha!... Causava horror olhar para a sua cara.

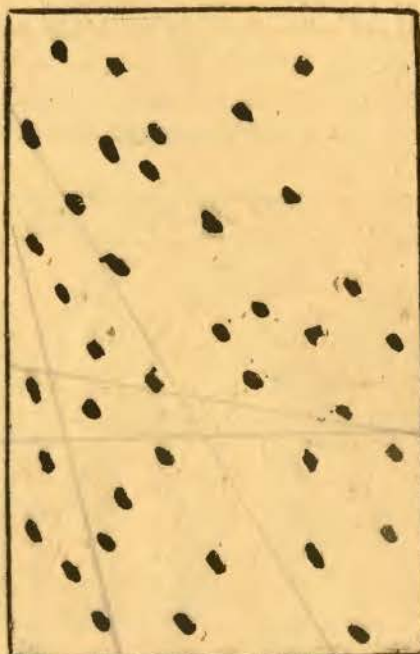
Os paizinhos deles andavam loucos de dôr pelo tempo já decorrido e sem saberem ainda nada a seu respeito. Foi, então, que resolveram pôr a policia ao corrente do que se tratava, para, assim, verem se eles eram, finalmente, descobertos, visto todas as outras tentativas, para os encontrar, terem sido em vão.

A policia, depois de várias pesquisas e após um encar-

HORA DE RECREIO

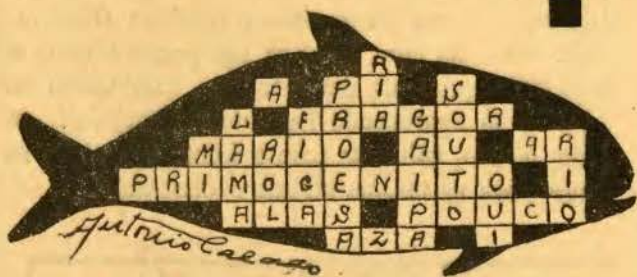


Solu-
ção
dos
proble-
mas
ante-
riores



Ochi - Indonésia - 1930

■ PROBLEMA ■



Traçar quatro rectas, de forma a dividir os pontos de cinco em cinco.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Assim a lontra enganou a lebre

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 1)

digiosos, pois me refiro à minha agilidade pedestre. Eu posso dizer, afoitamente, que, em carreira aberta, e campo descoberto, faço cem quilómetros à hora; bem vêes que é uma velocidade assombrosa,



e que tão apreciada está sendo actualmente pelos cultivadores e amadores do desporto, e tu, neste ponto, nunca me poderás imitar, porque, a caminhar, és uma perfeita *lêsmã*, uma verdadeira *pata-choca*.

Não agradou à Lontra a classificação que a Lebre acabava de lhe dar, e, um tanto ofendida, arquiectou logo a forma dela expiar a sua ousadia. Assim, com fingida amabilidade e hipocrisia, começou por lhe dizer:

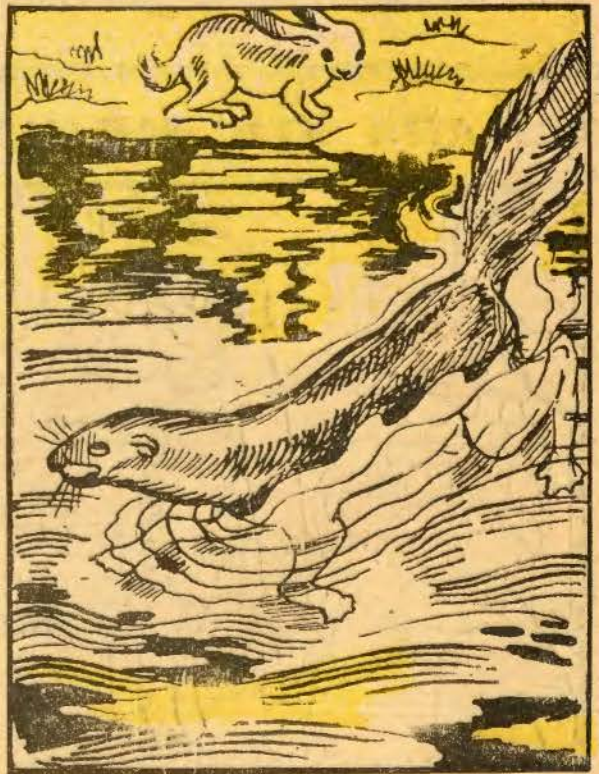
— Em vista da tua muita agilidade, tinhas agora uma excelente ocasião de alcançar um bom triunfo e talvez algum prémio; porque vai haver aqui, muito perto, um concurso de animais para corridas de velocidade em distância, com valiosos prémios para os vencedores, e onde deve concorrer tôda a casta de bicharia. Eu tenho desejo de lá ir, unicamente para presenciar, já se vê, mas se

quizeres concorrer, iremos as duas. Ficou a Lebre cheia de entusiasmo para ser também concorrente, combinando as duas irem juntas.

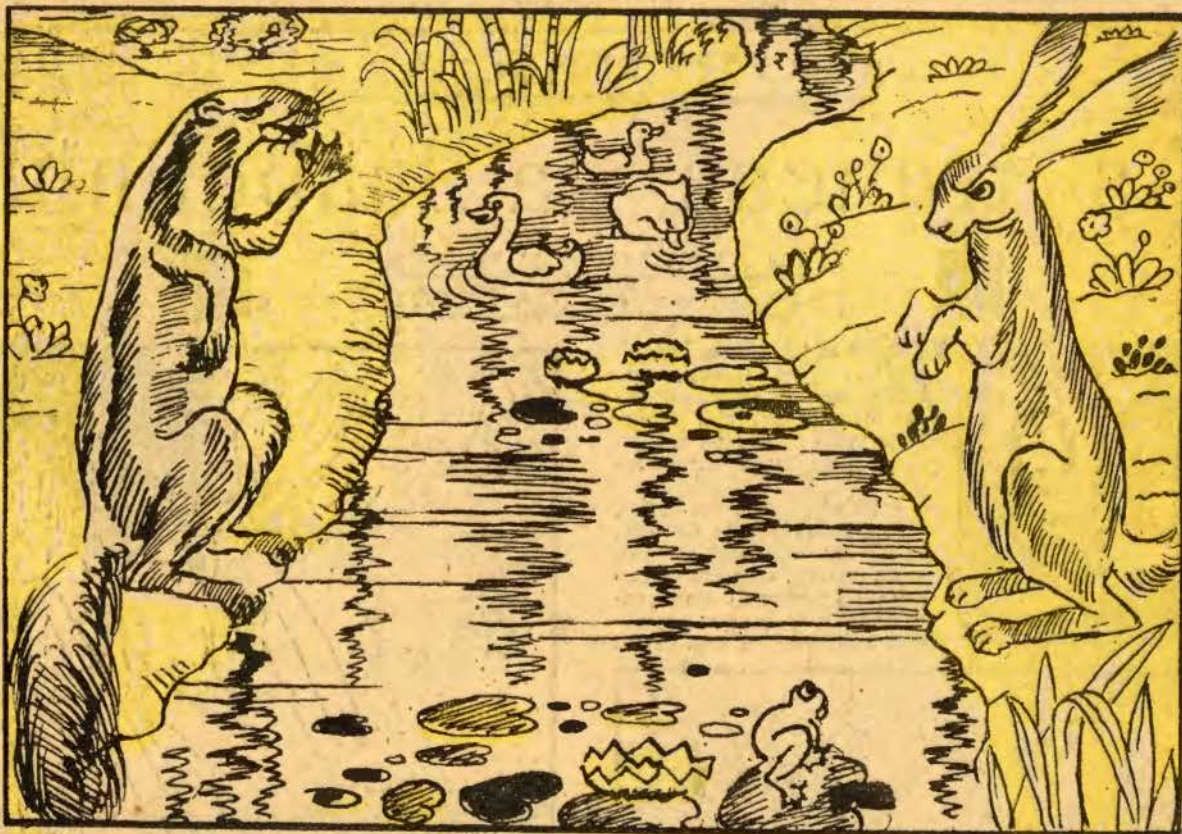
No dia aprasado puzeram-se a caminho, mas, depois de terem andado bastante, deparou-se-lhes uma larga vala, onde corria água em abundância.

A Lebre, ao vêr aquele obstáculo, bastante embaraçada, disse para a Lontra:

— E agora, comadre, como havemos de alcançar a outra margem, sem haver ponte, nem qualquer outro meio para nos servirmos, a fim de transpôr o rio?!... — Ora essa... — (respondeu a Lontra) — duma forma muito simples: Olha repara bem em mim, e vê se me podes imitar, e, logo em seguida, dá um mergulho, sumindo-se na água, e só aparecendo na outra margem. Já, no lado oposto, voltou-se para a Lebre que ainda se conservava na mesma atitude e disse-lhe:



— Então, comadre, ficaste aí *pasmada*?!! Tu que fazes cem quilómetros à hora, não transpões agora êstes poucos metros, que uma *lêsmã*, uma *pata-choca* transpões em dois minutos?!?



A Lebre, ouvindo isto, ficou logo convencida que tinha sido vítima duma afrontosa traição, e, então, raivosa, indignada, voltou para o seu covil

bastante magoada e cheia de desgosto, lamentando o vil procedimento da Lontra, e jurando cortar com ela as relações para sempre.

■■■■■■■■■■■■■■■ F I M ■■■■■■■■■■■■■■

≡ ENIGMA FIGURADO ≡

Hand-drawn clues for a word puzzle. Each clue consists of a drawing and a pair of words separated by a hyphen, with a plus sign and another word below it:

- Cap (drawing of a hat) - chap / - p + sente
- Barra (drawing of a fish) - bñra / - p + sente
- Cap (drawing of a hat) - chap a
- Mteito (drawing of a box) - mteito o
- Barra (drawing of a fish) - bñra
- Me + m (drawing of a group of dots)
- A (drawing of a wheel) - a + o
- F (musical staff with a note) - f
- L (drawing of a wheel) - l + t
- L (musical staff with a note) - l
- p + g (drawing of a comb)
- c + p (drawing of a head) - c a
- z + ssa (drawing of a coin) - z
- p + sencia (drawing of a pencil) - p
- pma + t (drawing of a hand holding a pencil) - pma FIM

Antônio Leão

CRÓNICA

As tranças da Isabelinha

Por ADRIANO DE RODES

Desenhos de CASTAÑE



UE lindas as tranças da Isabelinha!... Eram loiras, muito loiras, como as espigas douradas de trigo maduro, embaladas pelo ciclar da aragem dum tarde crepúscular de Junho.

A Isabelinha não era bonita, mas aquelas tranças de ouro, caíndo-lhe indiferentes no peito de marfim, emprestavam ao seu rosto qualquer coisa de encantador e divino que a tornavam semelhante a uma dessas



Fadas que habitam num País mirabolante de sonho e de poesia, uma Fada com vestidos lindos de pétalas de rosa, como as que costumam aparecer nas páginas engraçadas dos contos infantis. Mas, naquele dia, a Isabelinha cortou as tranças lindas, que até lembravam fios de ouro entrelaçados dum sol poente de Outono! Foi num dia bem triste, por sinal. A chuva caía miúdiinha, monótona, irritante, batendo tristemente nos vidros da janela. Além ouvia-se o ge-



mer dos ventos, levando num rodopio, pelo espaço, as pétalas delicadas da gracis florinhas. E ao longe, muito ao longe, perpassavam apagadamente os ecos do trovão.

E ela cortou-as! Não para figurarem, em cumprimento de qualquer promessa, como as da Rosária de Trindade Coelho, no dourado altar de vetusto Santuário; mas sim para obedecer às exigências da moda supérflua e impiedosa que estende o seu domínio de Rainha absoluta aos quatro cantos do Globo, desde a mais bela pequenina aldeia, escondida nas fraldas vicejantes da montanha, até aos grandes centros, às cidades monumentais de mármore e granito.

Cortou-as!... Eram tam bonitas!...

Agora dá-me a idéa dum passarinho sem asas ou dum tronco despido — uma árvore a que o tufão tivesse arrancado, com impetuosiidade, as fólhas verdejantes.

Porém, quando, já velhinha e trôpega, lembrar saudosa os tempos que passaram, a Isabelinha há-de recordar com tristeza aquele dia em que a chuva caía miúdiinha, batendo monotonamente nos vidros da janela. E depois com certeza que amaldiçoará o momento em que mandou cortar as tranças lindas que até pareciam fios de ouro entrelaçados dum sol poente de Outono.

F I M

Raul e Miguel

Um plagiador que merece um severo castigo

Mais um desacato foi cometido, desta vez contra a memória de um grande escritor por um pseudo-colaborador d'êste semanário, o qual, dada a circunstância de se haver encontrado ausente, por doença, o director d'êste suplemento, pôde perpetrar a criminosa acção de plágio e ver, firmado com o seu nome, um lindo conto de Trindade Coelho — pai, roubado do célebre livro: — «Os meus amores».

O conto cuja publicação nos foi solicitada por um cor-

respondente de «O Seculo» e que no original de Trindade Coelho se intitula: — «*Abyssus abyssum*» foi aqui publicado, por boa fé, supondo tratar-se de um original, com o título de «Raul e Miguel» conforme o pretensu autor, Mateus dos Santos Madeira, apócrifamente o baptizara.

Ao correspondente d'«O Seculo», nosso amigo, que nos solicitou a sua publicação, declinamos o encargo de castigar, como merece, o pretensu autor que, tão inconsciente e criminosamente, se quiz enfeitar com penas de pavão.

Feita a devida rectificação, aqui declaramos que, de futuro, só serão publicados os contos cuja autenticidade nos seja garantida,

PARA OS MENINOS E MENINAS RECITAREMOS



A LAVADEIRA

Por **ADRIANO DE RODES**

COMO é linda a lavadeira
que todas as manhãs vejo
a lavar numa ribeira
que passa junto ao quintal!

E ela bate com tal graça
a roupa branca de neve,
que a própria água que passa
fica encantada de a ver.

Debruçada na corrente
bate, bate com tal graça
a roupa branca de neve
que a própria água que passa

O sol beija meigamente
sua face de romã,
linda qual botão de rosa
abrindo em lida manhã.

Bate, bate com tal graça
a roupa branca de neve,
que a própria água que passa
fica encantada de a ver!...

fica encantada de a ver.
Beija-lhe os pés divinos
mais brancos que a roupa branca
que ela põe nos estendais.

E a lavadeira cantando,
de braços arregaçados,
vai esfregando, esfregando
tódos os ensaboados.

Chaves, 14-4-930.

A água canta, ela canta
em duetos delicados;
a passarada acompanha
cantando lindos trinados.

É bonita a lavadeira
que todas as manhãs vejo
a lavar numa ribeira
que passa junto ao quintal!

■ F I M ■

niçado combate com os bandoleiros, conseguiu vencê-los, prendendo uns e saindo outros gravemente feridos da refrega, alguns dos quais sucumbiram minutos depois.

A polícia, uma vez capturados os bandidos, tratou imediatamente de descobrir o paradeiro dos meninos, indo encontrá-los, muito tristes e já quasi sem poderem articular palavra e sem forças, numa dependência da referida cabana.

Os pais, informados de que se passava, correram ao encontro dos seus queridos filhinhos, abraçando-os e beijando-os, muito, muito!

Estavam, finalmente, salvos os meninos raptados!

Carlitos ficou também imensamente alegre, com o salvamento deles, e, assim que chegou a casa, beijou muito os seus paizinhos por o terem levado a um espectáculo que ele nunca tinha visto, e pediu-lhes que lhe explicassem como é que se faziam as fitas de cinema, pois queria sêr polícia, para prender os homens maus, ao que o pai respondeu que sim, que lhe explicaria e que lhe compraria uma máquina cin matográfica para ele, com os seus amiguinhos, fazerem fitas também.

Brevemente, saberão os nossos queridos leitorzinhos o que fez Carlitos,

■ F I M ■

BREVEMENTE: Uma linda novela inédita de Augusto de Santa-Rita, ilustrada por Adolfo Castañé

Aventuras de Pim, Pam e Pum

POR CASTAÑE

(Continuação do número anterior)



1 — Mas... perguntarão os nossos leitores: Como é que uma gruta subterrânea pode ter luz? Já vão saber. A gruta tinha, causadas talvez por algum terramoto, fendas que atingiam a superfície do solo.



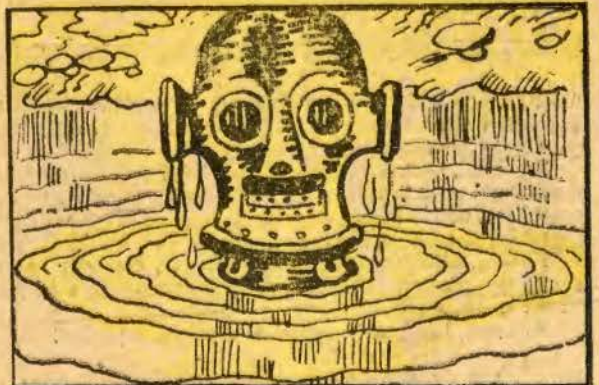
4 — Os nossos amigos continuavam dormindo. Ah! sim. Uma coisa estava junto às suas cabecitas e eram três lindas tijelas cheias de café com leite e um grande prato de biscoitos.



2 — Entretanto anoitecia, e tudo se cobria de sombras. Que aflição a de Pim, Pam e Pum! Coitados! Choravam cheios de medo e de fome, até que...



3 — Assim que se fez noite, adormeceram profundamente. Enquanto dormiam, vultos estranhos oscilavam em volta deles. Que sucederia? O dia despertou, mas nada se viu.



5 — Pim foi o primeiro a acordar; pudera, tinha os biscoitos mesmo ao pé do nariz!... Daí a nada, cada um às voltas com a sua tijela, os nossos aventureiros cogitavam:—mas quem seria que nos trouxe isto? De repente, da superfície do lago, emergiu um fantástico vulto...

(Continua no próximo número)